Quem era melhor qualificado?

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

O que se segue foi copiado de meu livro, *Como Identificar a Redação Original do N.T.* Quem quiser verificar as referências deve consultar esse livro.

Quais fatores seriam importantes para garantir, ou ao menos facilitar, uma transmissão fiel do texto dos escritos do NT? Eu proponho que há quatro fatores controladores: acesso aos autógrafos, domínio da língua original, a força da igreja (na região), e atitude condigna para com o Texto.

Acesso aos Autógrafos

Este critério provavelmente vigorou por bem menos de cem anos (presume-se que os Autógrafos ficaram totalmente gastos dentro desse prazo) mas é altamente significativo para uma compreensão adequada da história da transmissão do Texto. Já no ano 100 certamente havia muitas cópias dos diversos livros (uns mais que outros) enquanto ainda era certamente possível verificar uma cópia com o original, ou uma cópia garantida, caso surgisse alguma dúvida. É que havia um fluxo crescente de cópias fielmente feitas emanando dos detentores dos Autógrafos para o resto do mundo cristão. Naqueles primeiros anos os copistas saberiam que a redação verdadeira poderia ser conferida, o que exerceria pressão sobre eles no sentido de não tomarem liberdades com o texto.

Contudo, presume-se que distância seria um fator — para alguém no norte da África consultar o Autógrafo de Efésios seria um empreendimento caro em termos de dinheiro e tempo. Creio que podemos concluir razoavelmente que de modo geral a qualidade das cópias seria melhor na região circunvizinha do Autógrafo e iria deteriorar à medida que aumentasse a distância. Barreiras geográficas importantes aumentariam esta tendência.

Então, quem detinha os Autógrafos? Falando em termos de regiões, seguramente podemos dizer que a Ásia Menor tinha doze (João, Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Filemon, 1 Pedro, 1 e 2 e 3 João, e Apocalipse). Seguramente podemos dizer que a Grécia tinha seis (1 e 2 Coríntios, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, e Tito em Creta). Seguramente podemos dizer que a Roma tinha dois (Marcos e Romanos) — quanto aos outros, Lucas, Atos e 2 Pedro provavelmente ficaram na Ásia Menor ou Roma; Mateus e Tiago na Ásia Menor ou Palestina; Hebreus em Roma ou Palestina; enquanto é difícil citar probabilidade para Judas, é bem possível ter ficado na Ásia Menor.

Considerando a Ásia Menor e Grécia juntas, a região Egeia (do Mar Egeu) detinha os Autógrafos de pelo menos 18 (dois terços do total) e possivelmente até 24 dos 27 livros do NT. Roma detinha de dois a sete; Palestina talvez até três (mas em 70 d.C. eles teriam sido enviados para um lugar seguro, talvez Antioquia). Alexandria (Egito) não detinha **nenhum**.

Claramente a região Egeia tinha o melhor começo, e Alexandria o pior — o texto no Egito só poderia ser de segunda mão, na melhor hipótese. Tomando por base o exposto, podemos concluir razoavelmente que na primeira fase da transmissão do Texto do NT as cópias mais confiáveis circulavam na região que detinha os Autógrafos. Relembrando a discussão de Tertuliano acima, creio que podemos estender esta conclusão até o ano 200 d.C. e além. Assim, alguém que no ano 200 procurava o melhor texto do NT presumivelmente iria à região Egeia; certamente não ao Egito.[1]

Domínio da língua original

Como lingüista (PhD) e alguém que tem lidado com o processo de tradução da Bíblia durante anos, afirmo que uma tradução "perfeita" é impossível. (Aliás, uma aproximação razoável muitas vezes é bastante difícil realizar — as áreas semânticas das palavras simplesmente não correspondem, ou apenas em parte.) Segue-se que qualquer cuidado divino em prol da forma exata do Texto do NT teria que ser mediado através da língua dos Autógrafos — grego. Evidentemente versões antigas (em siríaco, latim, copta) podem dar um voto claro com referência a variantes maiores, mas exatidão só é possível em grego (no caso do NT). Isso como pano de fundo, mas a nossa preocupação principal aqui é com os copistas.

Copiar um texto manualmente numa língua que não se compreende é um exercício cansativo — é quase impossível produzir uma cópia perfeita (experimente para ver!). É preciso copiar quase letra por letra e constantemente verificar o lugar no texto. (É ainda mais difícil se não há espaço entre as palavras e nenhuma pontuação, como era o caso com o NT nos primeiros séculos.) Mas se você não pode entender o texto, é muito difícil permanecer atento. Considere o caso de P^{66}. Este papiro talvez seja o mais antigo manuscrito conhecido (c. 200) do NT de algum tamanho (contém a maior parte de João). É uma das piores cópias que temos. Tem em média dois erros por versículo — muitos sendo erros óbvios, erros bobos, erros sem sentido. Pela natureza dos erros é evidente que o copista copiou sílaba por sílaba. Não hesito em afirmar que a pessoa que produziu P^{66} não sabia grego. Se entendesse o texto não teria cometido o número e os tipos de erros que cometeu. (Até onde sabemos, o P^{66} foi produzido no Egito; então não é surpreendente que seja uma cópia ruim.)

Agora, considere o problema do ponto de vista de Deus. A quem deveria Ele confiar a responsabilidade principal pela fiel transmissão do Texto do NT (lembrar 2 Crônicas 16.15)? Se o Espírito Santo ia tomar parte ativa no processo, onde deveria concentrar os Seus esforços? Presumivelmente falantes fluentes do grego teriam a

---

1 Aland afirma: "O Egito foi distinguido de outras províncias da Igreja, tanto quanto podemos julgar, pelo domínio inicial do gnosticismo". Ele ainda nos informa que "no final do século II" a igreja egípcia era "predominantemente gnóstica" e continua dizendo: "As cópias existentes nas comunidades gnósticas não podiam ser usadas, porque estavam sob suspeita de serem corruptas". Agora, tudo isso é muito instrutivo – o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que até 200 d.C. a tradição textual no Egito **não era confiável**. (K. e B. Aland, p. 59 e K. Aland, "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS: 138.)

vantagem, e áreas onde o grego continuaria em uso ativo seriam as preferidas. Para ocorrer uma transmissão fiel, os copistas tinham que ter proficiência em grego, e isto ao longo dos anos. Então, onde o grego predominava? Evidentemente na Grécia e na Ásia Menor. O grego é língua pátria da Grécia até hoje (tendo mudado bastante no decorrer dos séculos, como acontece com qualquer língua viva). A predominância do grego na área do Mar Egeu foi assegurada por muitos séculos pelo Império Bizantino; por sinal, até a invenção da imprensa (século XV). Constantinopla foi tomada pelos turcos otomanos em 1453; a Bíblia Gutenberg (em latim) foi impressa apenas três anos depois, ao passo que a primeira edição impressa do NT em grego saiu em 1516. (Para os que creem na providência divina, sugiro que esses fatos constituem uma forte demonstração da mesma.)

O que se pode dizer sobre o Egito? O uso de grego no Egito já estava diminuindo no começo da era cristã. Bruce Metzger observa que a parte helenizada da população no Egito "era só uma fração comparada com o número de habitantes nativos que falavam somente as línguas egípcias."[1] Já no século III o desuso do grego estava evidentemente bem avançado. Já afirmei que o copista que produziu P^{66} (c. 200) não sabia grego. Agora considere o caso de P^{75} (c. 220). E.C. Colwell analisou P^{75} e encontrou cerca de 145 itacismos,[2] mais 257 outras leituras singulares, 25% das quais não têm sentido. A partir da natureza dos erros, fica claro que o copista que fez P^{75} copiou letra por letra![3] Isto significa que ele não sabia grego — ao transcrever numa língua que se sabe, copia-se frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. K. Aland afirma que antes do ano 200 o grego já caía no desuso nas áreas onde se falava latim, siríaco ou copta, e 50 anos mais tarde a mudança para a língua local era bem acentuada.[4] Isso significa que em 250 o Egito não era mais competente para transmitir o NT; portanto, não se deve confiar em qualquer coisa produzida no Egito após essa data.

Outra vez a região Egéia é sobejamente a mais qualificada para transmitir o Texto com confiança e integridade. Notar que mesmo se o Egito tivesse começado com um bom texto, já no final do século II a sua competência para transmiti-lo estava sempre diminuindo. De fato, os papiros antigos (provenientes do Egito) são visivelmente inferiores em qualidade, quando considerados individualmente, além de apresentarem tipos de texto um tanto divergentes (não concordam entre si).

A força da igreja

Esta questão é relevante para a nossa discussão por duas razões. Primeiro, a lei da demanda funciona na Igreja tanto quanto em outros lugares. Onde há muitas

1 Metzger, *Early Versions*, p. 104.

2 "Itacismo" significa a substituição de uma vogal ou um ditongo por outro/a que se pronunciava de forma igual ou muito parecida.

3 Colwell, *Scribal Habits*, p. 374-76, 380.

4 K. e B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), p. 52-53.

congregações e crentes haverá maior demanda por cópias das Escrituras. Segundo, uma igreja forte e bem estabelecida normalmente tem liderança experimente e confiante — o exato tipo que se interessaria pela qualidade de suas Escrituras e que também seria capaz de fazer algo a respeito. Assim, quais eram as áreas onde a Igreja primitiva era mais forte?

Embora a Igreja evidentemente tenha começado em Jerusalém, as primeiras perseguições e a atividade apostólica causaram a sua difusão. A principal linha de avanço parece ter sido ao norte para a Ásia Menor e daí ao oeste para a Europa. Se a escolha das igrejas para receber as "cartas" do Cristo glorificado (Ap. 2 e 3) for indicativa, o centro de gravidade da Igreja parece ter se deslocado da Palestina para a Ásia Menor antes do final do primeiro século. (A destruição de Jerusalém pelos exércitos de Roma em 70 d.C. deve ter apressado o processo.) Kurt Aland concorda com Adolf Harnack que "cerca de 180 d.C. a maior concentração de igrejas estava na Ásia Menor e ao longo da costa do mar Egeu na Grécia", e continua: "A impressão geral é que a concentração do cristianismo era no Oriente … Mesmo em torno de 325 a cena permanecia praticamente sem mudança. Ásia Menor continuava sendo 'a terra-coração' da Igreja."[1] "A terra-coração da Igreja" — pois então, quem mais estaria numa posição melhor para certificar o texto correto do NT?

O que dizer sobre o Egito? C.H. Roberts, num tratamento erudito dos papiros literários cristãos dos primeiros três séculos, parece favorecer a conclusão que a igreja alexandrina era fraca e insignificante para o mundo grego cristão no segundo século.[2] Aland afirma: "O Egito se destacava das outras províncias da Igreja, até onde podemos julgar, pelo domínio, desde cedo, do gnosticismo."[3] Prossegue nos informando que "ao final do segundo século" a igreja egípcia era "dominada pelo gnosticismo", e adianta mais: "As cópias existentes nas comunidades gnósticas não podiam ser usadas, por estarem sob suspeita de serem adulteradas."[4]

Ora, isto é bastante esclarecedor — o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que durante o segundo século (101 a 200) a tradição textual do Egito **não era confiável.** A avaliação de Aland aqui é bem provavelmente correta. Notem o que Bruce Metzger diz sobre a igreja primitiva no Egito:

> Entre os documentos cristãos que durante o segundo século se originaram no Egito ou lá circulavam entre tanto ortodoxos como Gnósticos, estão numerosos evangelhos apócrifos, atos, epístolas e apocalipses … Há também fragmentos de obras dogmáticas e exegéticas compostas por cristãos alexandrinos, principalmente gnósticos, durante o segundo século … De fato, baseado nos comentários de Clemente de Alexandria, quase todo o tipo de seita cristã

---

1 *Ibid*., p. 53.

2 Roberts, p. 42-43, 54-58.

3 K. e B. Aland, p. 59.

4 K. Aland, "The Text of the Church?" *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

> digressiva se representava no Egito durante o segundo século. Clemente menciona os valentinianos, os basilidianos, os marcionitas, os *peratae*, os encratitas, os docetistas, os haimetitas, os cainitas, os ofitas, os simonianos e os eutiquianos. Não se sabe que porcentagem de cristãos no Egito durante o segundo século era ortodoxa.[1]

Misericórdia, quase dá para imaginar se Isaías 30.1-3 não seria uma profecia sobre a crítica textual do NT!

Mas precisamos parar para refletir sobre as implicações das afirmações de Aland. Ele era um campeão do tipo de texto egípcio (alexandrino), mas apesar disso, ele mesmo nos informa que durante o segundo século a tradição textual do Egito não era confiável, e já no ano 200 o uso de grego por lá havia praticamente cessado. Pois então, baseando-se em quê pode ele argumentar que mais tarde o texto egípcio tornou-se o melhor? Por favor, considere: Aland declarou que em 200 a igreja cristã no Egito estava morta na água, e seus MSS do NT não eram confiáveis. E depois de 200 a situação só piorou. Segue-se que qualquer MSS vindo do Egito não tem absolutamente nenhum direito sobre nossa confiança. O Egito sempre foi desqualificado para transmitir o Texto do NT.

Aland também afirma que nos séculos II, III e IV a Ásia Menor continuava sendo "a terra-coração da Igreja". Isto significa que as qualificações superiores da região Egéia para proteger, transmitir e certificar o Texto do NT vigoram **século IV adentro**! Acontece que Hort, Metzger e Aland (além de muitos outros) ligaram o tipo de texto bizantino com Luciano (de Antioquia), que morreu em 311 d.C. Ora vejam, um texto produzido "na terra-coração da Igreja" não seria melhor que qualquer coisa que tivesse evoluído no Egito? É claro que faço a pergunta acima apenas para realçar a inconsistência deles. O tipo de texto bizantino existia muito antes de Luciano.

Atitude para com o Texto

Onde se exige trabalho cuidadoso, a atitude das pessoas às quais a tarefa é confiada é essencial. Estão eles cientes? Concordam? Se não compreenderem a natureza da tarefa, provavelmente a qualidade diminuirá. Se compreendem mas não concordam, podem até sabotar — uma eventualidade danosa. No caso dos livros do NT podemos começar com a pergunta: "Por que seriam feitas cópias?"

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do NT desde o princípio, e assim a produção de cópias começou imediatamente. Os autores claramente intencionaram que os seus escritos fossem circulados, e a qualidade dos escritos era tão óbvia que a notícia se espalhou e cada congregação iria querer uma cópia. O fato de Clemente e Barnabé citarem e fazerem alusão a vários livros do NT na virada do primeiro século torna claro que cópias estavam circulando. Um corpo paulino era conhecido a Pedro antes de 70 d.C. Atendendo a um pedido da igreja em

[1] Metzger, *Early Versions*, p. 101.

Filipos, Policarpo [(XIII) c. 115] enviou uma coleção das cartas de Inácio, possivelmente dentro de cinco anos após serem escritas. Evidentemente era procedimento normal fazer cópias e coleções (de escritos dignos) para que cada congregação tivesse um conjunto. Inácio fez referência ao trânsito livre e ao intercâmbio entre as igrejas, e Justino à prática semanal de ler as Escrituras nas congregações. (Se liam, é porque tinham cópias, necessariamente.)

Uma segunda pergunta seria: "Qual era a atitude dos copistas para com o seu trabalho?" Já temos a essência da resposta. Sendo seguidores de Cristo, e crendo que lidavam com Escritura, a uma honestidade básica seria acrescentada reverência no seu lidar com o Texto, desde o princípio. E a vigilância também, visto que os apóstolos haviam advertido repetida e enfaticamente a respeito de falsos mestres. Dado que os fiéis eram pessoas com inteligência e integridade pelo menos medianas, com o passar dos anos eles produziriam cópias cuidadosas dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, assegurados que estavam transmitindo o verdadeiro texto. Haveria erros sem querer no processo de copiar, mas nenhuma alteração proposital. É importante ressaltar que os primeiros cristãos não precisavam ser especialistas em crítica textual. Começando com o que sabiam ser o texto puro, só tinham que ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Eu digo que temos boa razão de entender que eram bastante vigilantes e cuidadosos—principalmente nas primeiras décadas.[1]

No decorrer do tempo desenvolveram-se atitudes regionais, além de políticas regionais. O surgimento da "Escola de Antioquia" é um fator relevante. A partir de Teófilo, um bispo de Antioquia (que morreu cerca de 185 d.C.), os antioquenos começaram a insistir na interpretação literal das Escrituras. O importante é que o literalista é obrigado (por formação) a preocupar-se com a exata redação do texto, visto que a sua interpretação ou exegese depende dela.

É razoável presumir que esta mentalidade 'literalista' tenha influenciado as igrejas da Ásia Menor e da Grécia, estimulando-as na transmissão cuidadosa e fiel do texto puro que haviam recebido. Por exemplo, as centenas de MSS da *Peshitta* siríaca são sem igual na sua coerência (em contraste com os 8.000 MSS da *Vulgata* latina, que são notáveis por suas discrepâncias extensivas; nisto seguem o exemplo dos MSS da *Velha Latina*). Não é insensato supor que a antipatia antioquena contra a interpretação alegórica das Escrituras de Alexandria os indisporia a olhar com simpatia quaisquer formas concorrentes de texto procedentes do Egito. De modo semelhante, a controvérsia quarta-decimaniana com Roma não ajudaria quaisquer

[1] Tendo eu mesmo cotejado pelo menos um livro em 130 MSS pertencentes à linha de transmissão que chamo de Família 35, tenho uma cópia perfeita do arquétipo da família, empiricamente determinado, para pelo menos 22 dos 27 livros do NT, cópias feitas no Séculos XI, XII, XIII, XIV e XV. Para uma cópia ser perfeita no século 15, todos os seus 'ancestrais' tinham que ser perfeitos, desde o arquétipo da família. Creio que o arquétipo da Família 35 é o Autógrafo, mas se não, deve remontar ao século III, pelo menos.

inovações procedentes do oeste. No entanto, sabendo que eles tinham o verdadeiro Texto, eles rejeitariam corrupções de qualquer fonte.

Até o ponto em que as raízes do método alegórico que prosperou na Alexandria durante o terceiro século já estavam presentes, elas também seriam um fator negativo. Uma vez que Filo de Alexandria estava no apogeu de sua influência quando os primeiros cristãos lá chegaram, pode ser que a sua interpretação alegórica do AT tenha começado a influir na igreja jovem já no primeiro século. Visto que um alegorista vai impor as suas próprias idéias ao texto de qualquer maneira, é presumível que este teria menos inibições de alterá-lo — redação exata não teria prioridade elevada.

A escola de crítica literária existente em Alexandria também seria um fator negativo, se tivesse qualquer influência sobre a Igreja, e W.R. Farmer argumenta que teve. "Existe ampla evidência que no tempo de Eusébio as práticas de crítica textual de Alexandria estavam sendo seguidas em pelo menos algumas 'scriptória' onde os manuscritos do NT estavam sendo produzidos. Precisamente quando primeiro foram usados os princípios da crítica textual da Alexandria . . . não se sabe."[1] Ele prossegue sugerindo que a Escola cristã em Alexandria fundada por Panteno (c. de 180), inevitavelmente seria influenciada pelos eruditos da grande biblioteca daquela cidade. O relevante é que os princípios utilizados para tentar "restaurar" as obras de Homero, não seriam apropriados para os escritos do NT quando ainda era possível apelar para os autógrafos, ou cópias exatas deles.

Conclusão

Qual é a resposta dada à nossa pergunta pelos "quatro fatores controladores"? Os quatro falam com voz unida: "A região do mar Egeu era a melhor qualificada para proteger, transmitir e confirmar o verdadeiro texto dos escritos do NT." Isto era verdade no segundo século; era verdade no terceiro século; continuou sendo verdade no quarto século. E continuou a ser verdade nos séculos seguintes; certamente, porque o Egito não usava mais o grego, nem Roma. Foram as congregações locais e as comunidades monásticas de língua grega que continuaram a fornecer a demanda por cópias.

[1] W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge: University Press, 1974), p. 14-15. Ele cita B.H. Streeter, *The Four Gospels*, 1924, p. 111, 122-23.